

INTERCULTURALIDADE EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA EDUCATIVA QUE REFLETE A NATUREZA EM SUAS MÚLTIPLAS INTERPRETAÇÕES

Monica Cauhi Wanderley ¹

Resumo: Do passado à atualidade, podemos dizer que a natureza exerceu papel fundamental na criação artística, atuando (direta ou indiretamente) como ponto de partida na inspiração do artista. Mas, do passado à atualidade a natureza mudou, fato que nos leva a acreditar que a arte também mudou. Dessa maneira o ensino da arte nos apresenta um campo muito aberto de aprendizagens e considerações, que muitas vezes é ignorado pelo professor, limitando a aula a um simples “fazer”. Assim, esse artigo apresenta uma proposta de aula realizada com os alunos de uma escola estadual do Rio de Janeiro, onde esses foram levados a experimentar a natureza a suas volta, buscando nela a inspiração para realizarem os seus trabalhos, assim como muitos artistas o fizeram anteriormente; proposta essa que pretende se servir como possibilidade de reflexão sobre o ensino da arte aos diferentes leitores desse artigo (professores ou não de artes). Por outro lado, ao ser aplicada na escola, onde crianças com diferentes histórias e construções de vida dividem um espaço único, essa proposta indiretamente nos permitiu perceber e refletir sobre a profunda interculturalidade existente em sala de aula.

Palavras-chave: arte escolar; proposta de aula; troca cultural

Introdução

Do passado à atualidade, a natureza exerceu papel fundamental na criação artística, atuando sempre (direta ou indiretamente) como ponto de partida na inspiração do artista. Um bom exemplo disso está quando observamos os desenhos de cavernas da época rupestre, ou os mosaicos religiosos da Idade Média, ou as pinturas naturalistas do Renascimento, ou ainda a arte efêmera do momento atual; todas essas criações dialogam com o que se encontra à sua volta, seja na escolha do material a ser utilizado, seja na escolha do local aonde a obra é depositada, seja na escolha do tema destacado, seja na intenção da obra, etc., pois, segundo Mirian Celeste (MARTINS, 1988, p. 41): “Toda linguagem artística é um modo singular de o homem refletir – reflexão/reflexo – seu estar-no-mundo” e segundo Luis Camargo (CAMARGO, 1994, p. 14), é natural que as obras de arte mostrem além do mundo interno do autor, o seu mundo externo.

Dessa maneira, é uma grande riqueza ter a natureza como tema de aula, pois além de permitir ao aluno imaginar e reconhecer diferentes épocas e culturas distintas a partir da observação das diferentes obras de arte; permite ao professor refletir temas como: as mudanças ocorridas no nosso meio ambiente, a importância da preservação da natureza, o crescimento das cidades; conscientizando o aluno da grande importância que tem a natureza em nossas vidas.

Assim, esse artigo apresenta uma atividade bimestral, realizada em classe, nas aulas de Artes, com os alunos do oitavo ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Professora Alcina Rodrigues Lima, localizado em Niterói, que teve a natureza como tema principal; sendo que essa natureza trabalhada não se limitava somente aos aspectos naturais (idealizados por “Deus”) encontrados no meio ambiente a nossa volta, mas sim tudo o que era natural a nossa visão, estendendo o contexto do termo “natureza” para além das coisas naturais. Servindo como possibilidade de reflexão sobre o ensino da arte aos diferentes estudiosos desse campo, pois nos permite repercutir sobre questões e dificuldades enfrentadas em sala de aula pelo professor de artes como: a falta de material, a estimulação da livre apreciação do trabalho alheio, a utilização de novos meios eletrônicos (computador), a estimulação do olhar, a compreensão de que a arte possui múltiplas linguagens e outros.

Por outro lado, ao se prolongar no decorrer de um bimestre e levar os alunos a se intercalarem entre tarefas ora individuais e outrora coletivas, essa atividade nos permitiu refletir sobre uma intensa troca cultural existente em sala de aula que optamos por chamar de interculturalidade, já que segundo Gramsci quando citado por Edward Said (SAID, 2003, p.18), a escola como uma afiliação voluntária (racional e não-coercitiva) faz com que a cultura atue por consenso e não por dominação, ou seja, opere através de influências das idéias. Dessa forma, cada aluno ao desenvolver seu trabalho individualmente trouxe questões pessoais interligadas a sua história de vida, que quando postadas ao conjunto (nas tarefas coletivas) ampliava naturalmente seu contexto ao se debater com os hábitos e costumes dos outros alunos, como veremos a seguir.

Primeira aula

Na primeira aula optamos por mostrar aos alunos o que se pretendia realizar durante o bimestre. Essa atitude permitiu que os alunos (pelo menos os mais interessados) pudessem visualizar todas as fases da tarefa que ele iria vivenciar; ato que incentivou uma participação consciente e conseqüentemente mais intensa por parte desse.

Dessa forma, a tarefa realizada durante o bimestre foi brevemente exposta aos alunos, subdividindo-se em:

- História da arte: reflexão de diferentes obras de distintos tempos.
- Observação da natureza a nossa volta, inspirando nela para compormos nossa obra como os artistas o fizeram e ainda o fazem e união de todas essas em uma única obra de arte.
- Reflexão do trabalho da turma, contextualizando-o.
- Elaboração (por parte de cada aluno) de um texto inspirado no trabalho da turma.
- Digitação do texto elaborado.
- Elaboração de uma imagem para cada texto.
- Visita à biblioteca.
- Reflexão de toda a atividade realizada e concepção das notas.

Após exposto ao aluno o que se pretendia realizar no decorrer do bimestre, iniciamos a primeira aula relatando uma breve introdução sobre a natureza como fonte de inspiração do artista no decorrer dos tempos.

Para isso selecionamos imagens de obras elaboradas em diferentes temporalidades levando o aluno a refletir sobre as mentalidades de cada época e as mudanças ocorridas na natureza (dessas épocas) a partir da obra de arte.

Alguns casos (como os expostos na introdução) servem para ilustrar as idéias desenroladas, nesse momento, em sala de aula: ao visualizar as imagens rupestres os alunos puderam perceber a presença de animais não mais existentes nos tempos de hoje e conhecer hábitos e costumes da época. Adquiriam o conhecimento de que naquele tempo a arte tinha uma função mágica, pois os “pintores” rupestres elaboravam seus desenhos com a intenção de obter a proteção dos Deuses (GOMBRICH, 1999, p. 39-54).

Ao visualizar as imagens religiosas da Idade Média os alunos puderam perceber a presença de uma arte voltada para a religião, observando que naquele tempo a arte tinha uma função didática, de transmitir por imagens os ensinamentos cristãos às pessoas que não sabiam ler (GOMBRICH, 1999, p. 171-206).

Ao visualizar as imagens do Renascimento os alunos puderam perceber um aprimoramento da técnica. Adquiriam o conhecimento de que nesse momento a arte visava além do belo, a concordância da imagem artificial: elaborada pelo artista, com a imagem natural: elaborada por Deus (GOMBRICH, 1999, p. 223-268).

Ao visualizar as imagens contemporâneas os alunos puderam perceber uma mudança de atitude por parte dos artistas, constatando que no momento atual (apesar da multiplicidade das técnicas de elaboração) muitas vezes a arte nem precisa ser elaborada pelo artista, pois o fazer manual perdeu o seu valor devido à industrialização e a arte se tornou efêmera, como a grande maioria dos objetos utilitários e os costumes atuais (COLI, 2007, p. 7-12).

É claro que temos a consciência da infinidade de conteúdos históricos que poderiam ser expostos nesse momento, mas o que queríamos é que o aluno pudesse aprimorar os seus saberes teóricos em arte, sendo capaz de perceber as transformações ocorridas na natureza e na arte, através da fruição de obras distintas, historicizando-as; tarefa relevante ao ensino da arte segundo Fusari e Ferraz (FUSARI, 2001, p.53).

Segunda aula

Após expor aos alunos a estreita relação existente entre natureza e arte, incentivamos esses a olharem para a natureza a suas volta e nela buscarem inspiração para realizar um trabalho de desenho. Para Fusari e Ferraz (FUSARI, 2001, p.54), ao estimular uma criação plástica vinculada à vida pessoal dos alunos, o professor terá um “bom” ponto de partida para conhecer mais sobre a realidade dos seus alunos e de seus saberes práticos em arte.



“Desenho sendo elaborado”
FONTE: fotografia da autora, 2009.

Depois de desenhar, os alunos coloriram e recortaram os diferentes detalhes contidos em seus trabalhos e posteriormente colaram-nos em único papel (cartolina), formando um único trabalho com toda a turma.



“Recorte dos detalhes”

FONTE: fotografia da autora, 2009.

Dessa maneira, se em um primeiro momento cada aluno teve a possibilidade de expor no papel um pouco de si próprio e da sua vivência, já que para Fusari e Ferrari, o fazer artístico é a mobilização de ações que resultam em construções de formas novas a partir da natureza, da cultura e de sínteses emocionais e cognitivas (FUSARI, 2001, p.58); em um segundo momento, como tínhamos vários desenhos depositados em um único papel, essa história de vida foi se mesclando a outras histórias, alargando o seu contexto, mas sem perder a sua essência. Segundo Luis Camargo (CAMARGO, 1994, p. 18), uma praia tem significados diferentes para um especulador imobiliário, um ecologista, um pescador, um surfista, mas, na medida em que vamos tomando contato com outras culturas, vemos como podem ser diferentes as formas de entender o mundo.

Assim, o aluno que pertence a uma família de pescadores (por exemplo) e se inspirando em seu cotidiano trouxe para o papel imagens de pessoas pescando, viu a sua calma praia se encher de ondas e surfistas de um lado e de outro ser invadida por um morro, onde um assalto está de fato acontecendo, enquanto na outra ponta do papel vários prédios, com supermercados e shoppings foram aparecendo.

Terceira aula

Com todos os desenhos depositados em um único papel, formando um único trabalho plástico composto por toda a turma, optamos, nesse momento, por refletir o trabalho como um todo.



“Trabalho dos alunos do oitavo ano (turma 801) do Colégio Estadual Alcina Rodrigues Lima”
 FONTE: fotografia da autora, 2009.

Para isso, inserimos o trabalho no quadro negro, para que esse ficasse visível aos olhos de todos os alunos, já que segundo Fusari e Ferrari (FUSARI, 2001, p.58), “a obra artística só se completa de fato com a participação do espectador”; e estimulamos os alunos a pensarem sobre o trabalho realizado a partir de perguntas simples, como: alguém consegue reconhecer o seu trabalho? A idéia que vocês tinham sobre a natureza a volta de vocês mudou com o acréscimo de outros trabalhos? Vocês gostaram? A natureza é realmente assim? Etc., pois, conforme Camargo (CAMARGO, 1994, p. 12), por ser a educação um processo de desenvolvimento pessoal que não termina com a maturidade biológica, o professor pode e deve se colocar no lugar da criança, compartilhando o seu ponto de vista, sem por isso se tornar pueril.

Após a reflexão geral do trabalho, expomos ao aluno diferentes idéias sobre o desenvolvimento das cidades no Brasil, tentando sempre relacioná-las ao trabalho plástico executado, utilizando como base teórica para essa reflexão livros como: “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre (FREYRE, 1980), “Formação das cidades no Brasil colonial” de Paulo Santos (SANTOS, 2001) e “Raízes do Brasil” de Sergio Buarque de Holanda (HOLANDA, 2004), que contam sobre a história e o desenvolvimento das cidades no Brasil.

Foi interessante perceber como o processo de construção das cidades no Brasil se assemelhou com a tarefa realizada em aula, visto que o primeiro aluno a colar os seus desenhos tinha um espaço bem amplo no papel, como aconteceu com as primeiras construções civis no Brasil; e na medida em que foram se acrescentando os outros desenhos, o espaço foi se modificando, tendo que se adaptar a uma nova composição.

Essa atitude em que o aluno adquire conhecimento pensando, sentindo, percebendo e intuindo deveria, segundo Camargo (CAMARGO, 1994, p. 21), ir além do ensino da arte, pois, conforme esse mesmo autor as demais disciplinas, na maioria das vezes, enfatizam apenas um dos

aspectos da cognição: a memória, fazendo da escola uma transmissora de conhecimento, quando deveria ser facilitadora de sua criação, mutilando e limitando o ser humano.

Temos consciência que atualmente o ensino escolar (nas diferentes áreas de conhecimento) está muito além da aprendizagem por métodos de assimilação repetitiva, ou seja, não se limita somente à técnica de memorização, como comentado no parágrafo anterior. Mas, devido à importância que memorização teve como metodologia de aprendizagem na história da educação, como (por exemplo) na “pedagogia tradicional” que segundo Maria Fusari (FUSARI, 2001, p. 26, 27) reduz a aquisição dos conhecimentos a um ensino mecanizado, desvinculado dos aspectos cotidianos, e com ênfase exclusivamente no professor que: “passa para os alunos informações consideradas verdades absolutas”; e devido também ao fato dessa ainda ser utilizada como método único e exclusivo de aprendizagem por professores menos conscientes sobre as mudanças educativas (FUSARI, *ibidem*), não poderíamos deixar de mencionar e enfatizar esse aspecto.

Mas, ao levar os alunos a discutirem toda a tarefa realizada até o momento, a partir da observação e reflexão da “obra” elaborada pela turma, o professor além de ter incitado a fruição dessa, estimulou a sua historicização, favorecendo aos estudantes uma melhoria não só dos seus saberes práticos (que envolvem a manufatura) enfatizados nas primeiras fases dessa tarefa bimestral, como também teóricos (que envolvem o pensar fundamentado em teorias concretizadas por distintos autores); além de, conforme Madalena Freire (FREIRE, 1999, p. 19), estar buscando criativamente modos e formas (e não formulas) para que a aprendizagem seja cada vez mais significativa.

Quarta aula

Depois de refletir a obra em conjunto, optamos novamente por realizar uma atividade de cunho individual, levando o aluno a refletir individualmente sobre o trabalho plástico realizado. Assim, pedimos que cada aluno elaborasse um texto sobre o trabalho, sendo que esse texto poderia ser: descritivo, crítico, poético ou narrativo e que contivesse no mínimo seis laudas.

Comentamos e exemplificamos sobre esses diferentes tipos de textos, facilitando e estimulando a escrita do aluno.

O trabalho se encontrava exposto (colado) no quadro negro e os alunos tinham total liberdade para apreciá-lo, como os espectadores de uma obra o fazem nas galerias de arte, buscando inspiração nesse para compor o seu texto.

Assim, o trabalho elaborado de forma coletiva (já que nele encontramos considerações dos diferentes alunos da classe) voltou a apresentar um cunho individual na medida em que cada um, segundo Mirian Celeste (MARTINS, 1988, p. 44), como intérprete do objeto artístico estabeleceu analogias a partir de suas próprias memórias pessoais e culturais.

Conforme os alunos iam acabando a formulação de seus textos, íamos corrigindo-os junto a eles, alertando-os sobre os erros e incitando a assimilação de conhecimentos já vivenciados em outras disciplinas, visto que a construção de um texto não é uma tarefa exclusiva da educação artística.

Dessa maneira além de estimular a escrita, possibilitamos que o aluno frísse a obra de maneira pessoal, estimulando reflexões de ordem analítica, comparativa, histórica e crítica das coisas percebidas, aprofundando o interesse cognoscitivo e desenvolvendo seu processo de percepção e capacidade de observação; atividades que segundo Ferrari e Fusari (FUSARI, 2001, p. 60), impulsionam a formação de uma postura crítica, consciente e autodeterminada por parte do aluno.

Quinta aula

Depois de elaborado e corrigido o texto sobre a natureza (inspirado no trabalho plástico realizado em conjunto pela turma), os alunos foram levados a digitar seus trabalhos no laboratório de informática da escola.

Após digitados, pedimos à diretoria da escola que os imprimissem para que o trabalho pudesse ser continuado, mas conscientes de que nem sempre esse ato seria possível de ser realizado, pois a falta da disponibilização de materiais utilizáveis em aula é fator comum nas aulas de arte, principalmente quando ministradas em escolas públicas, fato que limita a atividade do professor de artes sempre ao desenho.

Sexta aula

Nesse momento, cada aluno que produziu, digitou e imprimiu o seu texto recebeu em mãos o texto de outro colega (houve uma troca de textos). Pedimos que cada aluno lesse e refletisse sobre o texto recebido, estimulando assim a apreciação do trabalho alheio e a leitura em sala de aula.

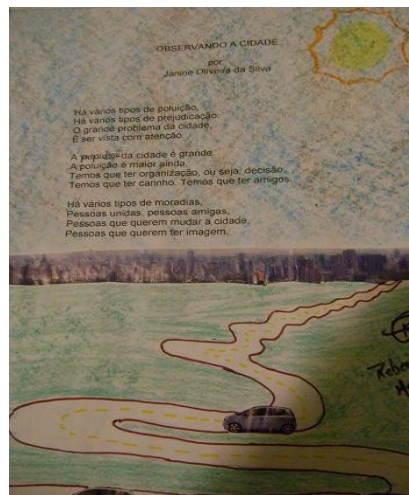
Após ler o texto, o aluno foi incitado a criar uma imagem que melhor pudesse definir a história contida nesse, pois segundo Fusari e Ferrari (FUSARI, 2001, p. 70), um curso de arte só

poderá ser consistente se incluir o “fazer artístico” pessoal e grupal e as elaborações sensíveis e cognitivas frente às próprias produções artísticas e a de outras pessoas.



“Leitura e elaboração do desenho”
FONTE: fotografia da autora, 2009.

Para construir essa imagem, o aluno pôde optar pela realização de um desenho ou pelo recorte e colagem de diferentes imagens encontradas em revistas, que depois de prontas foram depositadas na mesma folha em que se encontrava o texto digitado.



“Uma das páginas do livro elaborado pelos alunos do oitavo ano do Colégio Estadual Alcina Rodrigues Lima”
FONTE: fotografia da autora, 2009.

Para finalizar essa etapa da tarefa, pedimos que um dos alunos construísse uma capa para os trabalhos e depois encadernamos todos juntos, formando (novamente) um único trabalho, similar a um livro de contos, que foi depositado na biblioteca juntamente com os outros livros.

Sétima aula

Com a finalidade de valorizar o trabalho elaborado, levamos os alunos da turma à biblioteca da escola, onde o livro de contos (realizado pela turma) se encontrava.



“Livro de conto dos alunos do oitavo ano do Colégio Estadual Alcina Rodrigues Lima”

FONTE: fotografia da autora, 2009.

Os alunos puderam visualizar que o livro realizado em classe estava disposto aos frequentadores da biblioteca como todos os outros livros restantes. Com esse ato, estávamos estimulando além da frequência à biblioteca, o hábito da leitura; pois quando nos reconhecemos como parte de um todo, esse todo se torna, também, parte de nossa vida.

Aproveitamos a oportunidade para estimular a livre apreciação de outros livros, complementando o trabalho realizado (comumente) nas aulas de Português e Literatura.

Oitava aula

Depois de realizada toda a tarefa, fizemos junto ao aluno uma reflexão sobre toda a atividade realizada.

Qual foi o momento que eles mais gostaram e por quê? Qual o tipo de trabalho que eles preferiram realizar? De colagem? De leitura? De pintura? Por que uns preferem uma coisa e outros outras? É necessário que todos tenham o mesmo gosto? Qual a nota, de zero a dez, que eles achavam que mereciam receber pelo trabalho realizado e por quê? Os seus colegas concordavam com essa nota?

Essas perguntas, apesar de simples, auxiliaram o professor a ter uma noção do tipo de atividade mais valorizada por seus alunos, pois segundo Ana Mae (BARBOSA, 1996, p. 50), cada um tem o seu interesse estético particular, que deve ser encontrado e explorado pelo professor, mas

na escola, com o planejamento único, nem sempre é possível vivenciar esses distintos interesses, tendo o professor de artes que identificar e prever o mais abrangente, unificando todos os gostos.

Conclusão

Por ser uma disciplina livre e de autonomia do professor que a ministra, ou seja, não existe um livro didático que limite os conteúdos a serem trabalhados em aula, como acontece com as outras disciplinas escolares, a arte possibilita a sua apreensão em diferentes contextos. Nesse trabalho vimos um mesmo tema (a natureza) se imbricar em diferentes metodologias de ensino, ora o aluno era estimulado a criar manualmente, ora ele era estimulado a fruir obras elaboradas por artistas concebidos, ora era estimulado a historicizar essas obras, ora era estimulado a fruir e historicizar suas próprias obras e a de seus colegas. Isso no demonstra que o ensino da arte não precisa somente se vincular a um simples ato de fazer, mas sim se desdobrar nas mais infinitas possibilidades de criação e reflexão, individuais ou coletivas.

Entretanto essa liberdade não deve ser entregue ao acaso. O professor deverá ter em mente sempre um objetivo, um conteúdo e uma atividade que deseje alcançar, orientando os seus alunos, sem que esses se sintam obrigados a resultarem uma resposta única. Segundo Camargo (CAMARGO, 1994, p. 11), o educador é como um parteiro: o parteiro não gera a criança, mas ajuda ela a nascer, assim como o educador não gera a expressão da criança, mas a ajuda florescer.

Assim, a arte na escola permite que o aluno perceba que as pessoas possuem diferenças: diferenças culturais, habituais, de gosto, de história de vida, etc.; mas que essas diferenças são naturais no mundo em que vivemos e podem facilmente conviver entre si, se soubermos respeitá-las. Por isso, não precisamos mudar nossos gostos, nossos hábitos e nem mesmo a nossa cultura (apesar disso acontecer sem que nem mesmo percebamos, através da convivência).

INTERCULTURALITY IN THE CLASSROOM: AN EDUCATIONAL PROPOSAL THAT REFLECTS THE NATURE IN ITS MULTIPLE INTERPRETATIONS

Abstract: *From past to present, nature had key role in artistic creation, acting (directly or indirectly) as a starting point in the artist inspiration. But from past to the present nature has changed, which leads us to say that art has also changed. Thus the art teaching presents a very open field of learning and considerations, which almost always is ignored by the teacher, limiting the class in a simple "do". So this article presents a class proposal held with students of a state school in Rio de Janeiro, where they were taken to try the nature in their laps, seeking inspiration to perform their artwork as many artists have done before; proposal which intends to serve as an opportunity for art teaching reflection to the different readers of this article (arts teachers or not). Second to be applied in school, where children with different histories and structures of life share a single area, it indirectly helped us to understand and reflect of the deep interculturality existing in the classroom.*

Key words: *art school; draft class; cultural exchange*

Notas:

¹ Mestranda em Artes Visuais (linha de pesquisa em história e crítica da arte) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora de Artes do Colégio Estadual Alcina Rodrigues de Freitas (RJ). E-mail: mocauhi@gmail.com.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Ana Mãe. **Leituras do subsolo**. São Paulo: Cortez, 1996.

CAMARGO, Luis. **Da pré-escola à universidade**. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro, reflexão**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1999.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1980.

FUSARI, Maria. FERRAZ, Maria. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 16ª edição, 1999.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

MARTINS, Miriam Celeste. **Didática do ensino de arte – a língua do mundo – poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1988.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTOS, Paulo. **Formação das cidades no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Parâmetros curriculares nacionais** – Arte: ensino de quinta a oitava séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.